



## OH, VERDADE, POR ONDE ANDAS!?

Reflexão elaborada por: Norberto Carlos Weinlich<sup>1</sup>

David Bianchini<sup>2</sup>

No livro - Decepção Histórica - um olhar distanciado de nosso tempo, é relatada a avaliação de uma pessoa diante do Juízo Final. Ela é conduzida a um salão e fica diante de dois pratos de uma balança. Num deles, é colocada uma pena de avestruz, representando julgamento ou verdade. No outro prato, é colocado o coração, como metáfora da consciência. Qual a finalidade? Determinar o destino do falecido. E quem conduz a alma à balança e pesa seu coração? Anúbis, cognominado o *abridor de caminhos*. E quem preside a sala de Justiça, que é composta por 42 juízes, em que cada qual é detentor de uma jurisdição específica sobre um pecado ou falta. E qual o papel do falecido? Seu espírito deve negar

veementemente cada pecado/falta no momento em que o juiz recita as 42 confissões negativas, tais como: *não cometi roubo; eu não disse falsidade; eu não agi de forma enganosa...*

Findo o processo, o veredito é registrado, pesando o coração(consciência) contra a pena de avestruz(verdade). No aguardo do veredito, o representante do *mundo do puro materialismo*: um ser híbrido multiforme (descrito como sendo parte crocodilo, parte hipopótamo e parte leão). O Congresso está à volta com várias Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI) que, presenciados na mídia, se tornam alvos de chacota e descrédito, se valendo da prerrogativa do réu permanecer em silêncio quando

interrogado. Prestemos atenção às perguntas formuladas e às respostas prestadas pelos seres vivos fisicamente e que após o interrogatório, a sua alma saísse do seu corpo por momentos e fosse colocado num dos pratos da balança para ser confrontada eticamente com a pena de avestruz e julgado por juízes dotados da prerrogativa de cidadãos, dotados de sabedoria necessária e transparente perspectiva, segundo princípios e valores éticos! Nem no antigo tribunal e nem mesmo nos atuais, poderíamos admitir juízes cuja decisão condenatória fosse tomada sem sequer terem ouvido os depoentes, avaliando com rigor e honestidade, declarações baseadas apenas em hipóteses não confirmadas, *fakenews*, acareações falsas e por aí afora.

A verdade deveria sempre triunfar, independentemente das muitas e diferentes mídias, que levam ao povo somente verdades parciais, divulgadas nos atuais tempos de realidades virtuais. Ela, verdade, pode vir a ser distorcida? Não, pois ela nos liberta. Infelizmente, ocorrem as *tais chamadas verdades* de muitos que nos aprisionam e nos cegam, pois, distanciadas da ética, pautam suas colocações movidas por interesses particulares e condenam almas ao inferno, apenas por pensarem diferente ou terem outro modo de enxergar a realidade.

A importância da verdade não está somente em ouvi-la ou enunciá-la; desenvolvendo apenas o nosso lado do Homem Intelectual, mas sim em praticá-la, criando o *Homem Sábio!* Afora isso, se constituirá em verdadeira falácia, com palavras que se perdem ao vento, provocando um desequilíbrio no fiel da balança.

Não poderíamos deixar de concluir nossa reflexão sem nos reportarmos ao eminente reitor da Uni registral: no artigo publicado em 17/08/2018, com o título *Juventude sedenta de ética*, assim inicia seu artigo: *A imundice da política partidária leva jovens sensíveis a uma fome de moralidade e a uma sede ética...* E no outro artigo, publicado no dia 19/02/2021, na coluna Opinião, do Correio Popular de Campinas com o título: *A desimportância da Ética:*

***Ética, reitero como voz a clamar no deserto; é a única matéria-prima em falta neste Brasil onde tudo sobra ... (que encontremos um oásis)***

**Norberto Carlos Weinlich<sup>1</sup>**, professor universitário nas áreas de Ética e Gestão do Conhecimento.

**David Bianchini<sup>2</sup>**, doutor em Educação pela UNICAMP, Mestre em Educação pela PUC. Especialização em Psicanálise e graduado em Engenharia Elétrica.

